



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A condição social e econômica do garimpeiro da cidade de Diamantina: *Uma história contada por seus protagonistas*

Prof. Dr. Wellington de Oliveira
Professor Adjunto da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade
Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri –UFVJM (orientador)
Email: welltha@terra.com.br

Valdinei Cláudio Vieira
Bacharel em Humanidades pela UFVJM
Graduando em Licenciatura em História da UFVJM
Diamantina, Minas Gerais, Brasil
Email: vcvdtna@hotmail.com

Resumo: Este trabalho visa examinar a situação social e econômica dos trabalhadores envolvidos na atividade de extração do ouro e do diamante na cidade de Diamantina¹, Minas Gerais, durante a paralisação do garimpo no ano de 1989 e seu “efetivo” embargo durante década de 1990. O trabalho foi construído a partir de análises bibliográficas e narrativas dos garimpeiros, portanto, numa perspectiva metodológica da história oral temática. Conclui-se que, a paralisação do garimpo, de imediato, produziu significativos impactos socioeconômicos negativos na vida destes trabalhadores, mas que com o tempo conseguiram superar a suspensão da atividade garimpeira, rearranjando-se em outras profissões. Embora o garimpo não seja uma prática totalmente extinta nesta região, ainda é presença marcante no imaginário dos diamantinenses.

Palavras-chave: Situação socioeconômica. Paralisação do garimpo. História oral temática.

¹ O município de Diamantina localiza-se no Vale do Jequitinhonha, região norte de Minas Gerais, a 292 de Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.igc.ufmg.br/casadagloria/diamantina.html>. Acessado em 20/11/2011.

Introdução

O garimpo é uma atividade centenária na cidade de Diamantina e remonta oficialmente ao início do século XVIII. A prática do garimpo, a estrutura social, econômica, todos os meandros da vida na terra dos diamantes foram temas das narrativas dos viajantes naturalistas estrangeiros, memorialistas e autores contemporâneos. Atualmente, após mais de dois séculos de início da atividade oficial na região de Diamantina, ele ainda é, praticado, possibilitando a extração de ouro, diamante e quartzo [cristal].

A atividade garimpeira é marcadamente marginalizada na região desde a descoberta oficial do diamante, alternando períodos de maior ou menor rigor em seu controle. A mineração fosse ela praticada por concessão de contratos a particulares, ou por monopólio da Coroa Portuguesa, foi a versão legal do extrativismo. Mas, para os que buscavam por sobrevivência sua e de sua família foram tidos como contrabandistas².

O problema proposto é: qual a condição social econômica do garimpeiro e ex-garimpeiro da cidade de Diamantina-MG a partir da paralisação do garimpo no ano de 1989 e as consequências desta em suas vidas?

Neste sentido, o objetivo principal é analisar e discutir a condição socioeconômica em que se encontrou o garimpeiro a partir da paralisação do garimpo no ano de 1989, a partir dos resultados obtidos por meio de entrevistas realizadas aos sujeitos participantes dessa pesquisa. Pesquisa.

Para a execução desta pesquisa utilizamos de uma abordagem qualitativa fundamentada em fontes documentais diversas, não evidenciando apenas os documentos impressos e oficiais. Utilizamos os depoimentos daqueles que exerceram as atividades garimpeiras, portanto, de uma metodologia da história oral temática, considerando sua viabilidade, porque: “a evidência oral”, transforma os “objetos” de estudo em “sujeitos” que contribuem para uma história que não só é

² Os garimpeiros eram vistos como contrabandistas por estarem atuando dentro das concessões feitas pela Coroa. Ou se eram os arrendatários, ou os empregados da Real Extração. O garimpeiro era então aquele que vivia nas “grimpas” quase sempre escondidos para a prática do garimpo. O próprio termo garimpo surge como a versão ilegal da mineração. Isso pode ser melhor entendido na obra *Memórias do distrito diamantino* de Joaquim Felício dos Santos.

mais rica, mais viva e mais comovente, mas também, mais verdadeira. (THOMPSON, 2002, p.137).

Com essas considerações, a proposta deste trabalho, pelo método da história oral foi viável, por ser a cidade de Diamantina, palco dos eventos que culminaram com a paralisação do garimpo em 1989. E ainda, estar presente em toda cidade pessoas que participaram desses eventos sofrendo suas consequências imediatas e atuais. Foi dada maior ênfase nas entrevistas, uma vez que um dos objetivos é propiciar a oportunidade de se “fazer” ou “construir” outra história. Esta, sobre a ótica de seus próprios protagonistas.

Uma história que proporciona oportunidades para estes trabalhadores tenham registradas suas próprias memórias. Nesse sentido, atendemos o recomendado por Alberti³. E é por intermédio de técnicas, como a história de vida, que podemos propiciar o fazer dessa história.⁴

1. A história do garimpo em Diamantina

A atividade garimpeira na cidade de Diamantina-MG, como já dito anteriormente, remonta oficialmente ao início do século XVIII. No entanto, é notório que desde o século XVI, já se faziam expedições nessa região. Foram os bandeirantes paulistas e outros aventureiros, que a procura das minas auríferas se aportaram na futura Vila do Príncipe, hoje cidade do Serro, antiga comarca do Serro Frio, uma das unidades administrativas da capitania de Minas Gerais, da qual o Arraial do Tejuco, (hoje cidade de Diamantina), pertenceu. Esses “aventureiros”, orientados pelo pico do Itambé, embrenharam-se na região, onde acabaram por

³ A escolha dos entrevistados não deve ser predominante orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos (ALBERTI, 2004, p. 31-32).

⁴ Esta estratégia, pela importância que atribui aos indivíduos e à sua vivência, poderia prestar serviços ao pesquisador à procura de respostas colocadas (as relações indivíduo-sociedade-cultura). Batizada de história ou narrativa de vida pode ser definida como narração, por uma pessoa, de sua experiência vivida. E ainda que por ela: Obtêm-se assim belas ocasiões de compreender como as pessoas representam esses fenômenos e acontecimentos históricos, sociais ou culturais, como passaram por eles, vividos na indiferença ou em uma participação ativa. É uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.158-159).

descobrir um local próspero para a extração do ouro. Este lugar veio a ganhar o nome de Arraial do Tejuco. (FURTADO, 2003, p.27-37).

É atribuída a Bernardo da Fonseca Lobo a descoberta oficial do diamante no ano de 1729, sendo este recompensado pelo ato com o título de capitão-mor da Vila do Príncipe. É comunicado e remetido à corte pelo governador da Capitania de Minas Gerais, D. Lourenço de Almeida, pedras transparentes tidas como diamantes. Depois de confirmadas que tais pedras eram o que se pensava, estes foram declarados propriedade real por decreto de oito de fevereiro de 1730. (SAINT-HILAIRE, 2004, p.13).

Segundo Furtado (2003, p.27-37) as primeiras explorações foram administradas por intendentess do ouro que se responsabilizavam pelos arremates e distribuição das lavras. Estas eram dadas a princípio a todos que pudessem arcar com as despesas da mineração, incluindo o pagamento de imposto relativo à taxa de capitação por cada escravo empregado.

De acordo com Saint-Hilaire (2004, p.14) essa foi uma taxaçoão injusta por se tratar de uma empreitada “aventurosa” não proporcional à força de trabalho empregada. No entanto, esse não foi o motivo de renúncia do sistema de capitação, mas sim, a diminuição do preço das pedras no mercado em $\frac{3}{4}$ (três quartos), que determinou a imposição de um limite de força empregada a 600 escravos. Para Santos (1976, p.69-145) a partir do ano de 1740, a exploração dos diamantes passa ser feita sobre forma de arrendamento (ou contratos).

Estes contratos se deram de forma sucessiva, de quatro em quatro anos, por um único interessado ou em sociedade - melhor maneira que a Coroa achou para controlar a exploração e o preço do diamante no mercado. O primeiro contrato foi concedido a João Fernandes de Oliveira em sociedade com Francisco Ferreira da Silva, de primeiro de janeiro de 1740 a 1743 e prorrogado de 1744 a 1747. O último contrato foi até o ano de 1771, quando a Real Extração resolveu fazer a exploração por conta própria. (FURTADO, 2008, p.26)

Para alguns autores naturalistas e viajantes do século XVIII como Saint-Hilaire e os memorialistas como Joaquim Felício dos Santos e mesmo outros clássicos da historiografia brasileira como Caio Prado Júnior, a exploração dos diamantes feitas a partir da instalação da Real Extração imprimiram ao “Distrito dos diamantes” um controle excessivo por parte das autoridades aqui estabelecidas. O

Arraial do Tejuco foi submetido a um governo autoritário e despótico que fez romper e enfraquecer os laços sociais.

Por outro lado Junia Furtado (2008, p.27-34) contesta, dizendo que tal prática era comum em todas as áreas de mineração, e que as maiorias dos artigos desse regulamento já eram instituídas antes mesmo da criação da Real Extração em 1771. Para a autora, a sociedade tejuicana conseguiu se ascender socialmente ludibriando as regras impostas. Contudo, devemos considerar que este era um grupo bem restrito da sociedade, somente os que tinham interesses diretos no processo extrativo e comércio do diamante. Neste sentido, podemos considerar que essa ascensão não valeu para os desvalidos e marginalizados, os que ousavam à prática do garimpo fora dos padrões estabelecidos.

Marcos Lobato Martins (2007), com estudos mais recentes sobre a questão do garimpo na região Diamantina, analisou os eventos ocorridos e os conflitos gerados em torno do embargo do garimpo na região de Diamantina, entre os anos de 1989-1995. Sua análise se dá em torno das “possibilidades e os constrangimentos” que os valores, crenças e normas de conduta tradicional dos garimpeiros permitiram serem tomadas na organização do grupo para a reação e negociação deles para a retomada da extração. Considera ainda, a adequação às normas estabelecidas, a partir de um controle mais efetivo das organizações governamentais, além das relações entre os diversos atores envolvidos na questão da mineração e as dificuldades impostas pelas legislações para o desenvolvimento do garimpo na região do Alto Jequitinhonha.

Para Marcos Lobato Martins autores como: Joaquim Felício dos Santos (1976), Aires da Mata Machado (1985), e Soter Couto (1954) que “tomaram os garimpeiros como o centro de suas tramas e narrativas”, fizeram discursos que legitimaram o garimpo como prática cultural e elemento simbólico, constituindo, com isso, uma “forma de identidade garimpeira”.⁵

No artigo “*A arte de fabricar motins: os marcos regulatórios da mineração diamantífera em perspectiva histórica*” Marcos Lobato Martins leva-nos a entender

⁵ O xis da questão está no fato de que, para a identidade garimpeira tradicional, o pequeno minerador é sujeito formado em oposição à lógica do mercado (empresa de mineração, com relações de trabalho assalariadas, impessoais e hierarquizadas), à presença do Estado (regulamentação burocrática e cobrança de tributos) e ao respeito à natureza (porque a faina do garimpeiro é lutar contra ela). (MARTINS, 2007, p.9).

que o ofício do garimpo não foi tratado com a devida importância pelas legislações. Apenas foi visto de acordo com as conveniências de cada momento, portanto, produzindo e perpetuando a marginalização dos trabalhadores.⁶

Partindo desses pressupostos é possível pensar numa marginalização social e econômica do garimpeiro da região de Diamantina, desde os seus primórdios. Principalmente por ter sido desconsiderado pelas legislações minerárias. Nesse mesmo sentido, pode-se compreender os últimos conflitos que se deram em torno da paralisação do garimpo a partir do ano de 1989.

2. Histórico de vida e as relações de trabalho

Para a análise das entrevistas⁷ de nossos protagonistas foi considerada a história de vida e as relações de trabalho construídas em torno da atividade garimpeira, que era exercida por adultos, adolescentes e crianças. Alguns fatores podem ser considerados determinantes para que os jovens aderissem a tal atividade na cidade de Diamantina. Como podemos ver na fala de J.L.M de 51 anos “[...] eu comecei a garimpar praticamente depois dos dezoito anos, que acabou o Tiro de Guerra né? Aí, aqui você sabe que toda a vida em Diamantina foi ruim, pra serviço, aí então eu me atualizei pelo garimpo [...]”. Outros, porém, ainda crianças já acompanhavam os pais para o trabalho no garimpo.⁸

Essa situação laboral perdurou até a década de 1990. Mas, ainda hoje, há pessoas que exercem essa atividade, sendo estas em sua maior parte, pessoas com pouca escolarização. Entre os fatores econômicos que podem ser considerados determinantes para que esses jovens aderissem a esta atividade foram: a falta de

⁶ No que se refere ao garimpo, à legislação brasileira e a ação governamental, ao optarem pela concentração gradual das atividades de mineração, jogaram os garimpeiros na situação de perene marginalização social e clandestinidade. No período colonial, como se viu, a garimpagem foi proibida e o garimpeiro transformado num criminoso. No Império e na República, o garimpo deixou de ser ilegal, embora continuasse marginalizado no âmbito da legislação minerária. Todavia, isso não reduziu a importância extraordinária do garimpo na produção de ouro, diamantes, gemas coradas, quartzo, mármore, pedras decorativas, etc. Nem impediu o convívio estreito, às vezes hostil, entre as empresas legais e os garimpeiros (MARTINS, 2008, p.76).

⁷ Os trechos das entrevistas utilizados como citações foram grafados o mais próximo da fala dos entrevistados.

⁸ Ah! Eu comecei a garimpar quando, eu... ainda era criança, eu acompanhava os meus pais, já no garimpo artesanal, que era puxando “boa” na beira do rio, Rio da Palha. Desde criança agente tava acompanhando eles. Na idade de sete oito anos eu já tava no garimpo, mexendo. E aí, garimpei na faixa de vinte e poucos anos [...]. (J.M.S de 46 anos de idade).

empregos em setores industriais e a esperança de um enriquecimento rápido. Ainda podem ser apontados outros fatores como os culturais, ou seja, a influência dos parentes e amigos que tradicionalmente já exerciam essa prática.

A atividade garimpeira se tornou tão “naturalizada” para o diamantinense, por que se praticava paralelamente ou alternadamente com outros empreendimentos ou exercícios profissionais, principalmente pelos donos de bombas e de terrenos com áreas de garimpo. Por que quando não queriam se envolver diretamente nessa prática, tinham no serviço um encarregado que os representava.

A.A.B, com 72 anos de idade tem dúvida de quando, de fato, começou a garimpar, mas utiliza-se de um recurso para lembrar quanto tempo aproximadamente parou de exercer essa prática. Esse recurso é a data da compra de um veículo zero km que adquiriu no ano de 1992. Ressalta-se que com dinheiro, adquirido da venda de um quilo e quatrocentos gramas de ouro.⁹ No decorrer da entrevista percebe-se que A.A.B, mesmo praticando outras modalidades de serviços e considerando o garimpo como atividade secundária, defende veementemente a liberação de áreas para o seu exercício. Por que mesmo não praticando o garimpo frequentemente, ele afirma que possui terrenos que ainda poderiam ter muitos diamantes escondidos. Relata também, que tem um garimpeiro que explora parte de seu terreno de forma legalizada. E possivelmente, mediante as divisões já costumeiras do garimpo, deve obter os dez por cento do garimpo por ser dono do terreno. Vejamos uma fala sua, em que aponta essa divisão, quando praticava o garimpo antes da paralisação: “[...] Eu cobrava dez por cento. [...] por ser dono do [...] terreno [...]”.

O garimpo para muitos foi a única fonte de renda, mas, para outros, foi apenas mais um “investimento”. Estes eram feitos quase sempre por pessoas que já detinham alguma posse ou que adquiriram algum recurso mais avultado no trabalho do próprio garimpo. Como ressalta A.A.B, que apesar de ser de uma família essencialmente garimpeira ele próprio não se envolveu diretamente com o garimpo e não o considerava como sua principal atividade profissional. “[...] Eu mexi até não. Eu era mais prosotro né? [...] eu gosto mais é de vender banana e queijo”. Contudo,

⁹ “[...] o tempo não sou capaz de te falar o tempo mais, certo? Ta entendendo? Pois éh! esse carro meu ele tem vinte anos [...] ele é noventa e dois [...] quase vinte né? [...] tem vinte e cinco anos que eu mexi com garimpo.” (A.B.B, 72 anos de idade)

ele ressalta a importância do garimpo para uma parte bem significativa da população diamantinense, na época da paralisação em 1989.

Em sua fala evidencia-se o quanto valoriza a atividade garimpeira como uma grande oportunidade para se adquirir bens móveis e imóveis. A.A.B conta a história de um conhecido seu, R.B, “[...] ele me contou uma coisa, quando ele veio aqui pra Diamantina ele morou em um barraquinho de dois cômodos, num lugar aí, veio lá de Pinheiro, hoje ele tem aí, ele tá pegando mais de quatro mil de aluguel.[...]”

Há histórias de venturas e desventuras no garimpo, há homens que, como A.A.B, além de praticar o garimpo se dedicavam a outras atividades, investindo o dinheiro obtido daquela atividade em imóveis. Outra parcela bem significativa pensava logo em adquirir um veículo, outros vaziam viagens e muitos gastavam quase todo o dinheiro em “farras”. Isso pode ser explicado pela fala de J.M.S: “[...] Oh! na época, agente não tinha muita cabeça de (risos) empregar o dinheiro, agente ia comprando, viajando, [...] gastava muito com viagem,[...] muitos garimpeiros,[...] compraram foi lotes [terrenos para construção], outras coisas assim.[...]”

Nesse sentido Santiago (2010, p.163) aponta que “[...] Quando chegam a embamburrar, [ou seja], deparam com ricas jazidas, ficam muitos ricos por algum tempo, mas logo dissipam tudo em bebidas, mulheres, luxos desnecessários, ou simplesmente fazendo maus negócios”. Essa é uma das realidades da vida econômica do garimpeiro. No entanto, não é uma regra aplicada a todos, muitos pensaram em suas despesas com a casa e quando era possível economizavam.¹⁰ Os adultos e os jovens desta cidade foram tomados quase sempre pelo afã de que de um momento para outro se tornariam homens ricos. No entanto, a realidade foi mais dura, porque os jovens iam muito cedo para a labuta no garimpo sem terem concluído o ensino fundamental. Sem outra opção de trabalho e mais ainda por ser tomado pela esperança de tirarem uma “boa partida” de diamantes, se lançavam às duras e cansativas jornadas de trabalho.

¹⁰ Uai, mais em casa né, pra despesa. [...] pra cê vê que [...] eu não quis comprar nem carro e nem moto... muita gente comprou aí, andou naquele auge, mas a responsabilidade da gente é outra né? Falava não, eu vou partir pra isso não, porque, senão depois passava dificuldade no outro ano. Ou talvez no outro mês, cê gastava tudo no mês, no outro mês já não tirava,ocê já ficava, vixe! Meu Deus, eu gastei o dinheiro, agora como vou fazer?[...] sempre depositava, agente deixava o dinheiro depositado, mas já pra essa precaução.

Quando ainda restavam garimpos em rios e córregos próximos da cidade, era possível o garimpeiro trabalhar durante o dia e a noite estar em casa com a família.¹¹ Mas, com a exaustão do ouro e do diamante nestes, foi preciso buscá-los em lugares cada vez mais distantes. Não havia um lugar determinado para o garimpo, estes iam garimpar onde se tinha notícias que “tava dando”, ou seja, para onde era mais provável a retirada de uma maior quantidade de ouro e principalmente do diamante.

A atividade garimpeira foi e é muito árdua, uma vez que exige um esforço físico intenso e quase sempre os trabalhadores são submetidos a exaustivas horas de trabalho, entendendo quase sempre até a noite. Tudo isso pela expectativa de “salvar o serviço”. Luiz Santiago compartilha da mesma opinião.¹²

É inegável que tal atividade rendia, em certos momentos, uma boa quantia em dinheiro, mas em outros, nada. E isso exigia um “malabarismo” por parte do garimpeiro, pois devia administrá-lo quando recebido em maior quantidade, para quitarem suas dívidas no momento em que o “serviço” nada tinha rendido. Essa dívida estava associada praticamente à provisão de víveres para a família que ficava na cidade.¹³

Além da longa e dura jornada de trabalho em que foram submetidos, corriam ainda outros riscos. Risco de perder a vida, quando se deparava com um

¹¹ [...] mas tinha lugar que eu trabalhava durante o dia à noite eu tava em casa, lá na gruta mesmo, agente trabalhou muito tempo na gruta aí cê entendeu? [...] Aí quando era à tarde agente tava em casa, dormia em casa, ficava junto com a família. Mas aí foi fracassando o garimpo aqui mais pra perto, agente optou a trabalhar mais pra longe, pro lado de Mendanha, Maria Nunes, [...] Capinhaçu. (J.L.N) E ainda, segundo J.M.S: Aí, dessa época pra cá, agente garimpou vários lugar, garimpou no Rio da Palha, depois agente partiu pro Jequitinhonha, do Jequitinhonha agente depois, saímos do Jequitinhonha em 86, voltamos prá, pro rio aqui do Bandirinha, trabalhamos lá no chamado “pau grande”, trabalhamos bastante lá.

¹² “A vida dos garimpeiros é ainda hoje uma vida de privações e de muito trabalho, sempre em condições insalubres. Ficam separados das famílias, que reveem nos finais de semanas, ou a cada quinze dias, ou após intervalos ainda maiores”. (SANTIAGO, 2010, p.162-163)

¹³ [...] comecei a trabalhar no garimpo, às vezes tirava, um ano agente tirava, no outro agente perdia, costumava o que ocê tirava num ano cê gastava no outro; cê entendeu? Então, serviço muito pesado, [...] Aí era assim, agente costumava a pegar serviço cedo, tinha dia que não tinha horário, ocê entrava pra noite adentro, [...] costumava até amanhecer o dia, porquê de conforme a situação que tava a cata, o rio enchendo, ocê era obrigado a querer dobrar, trabalhar dia e noite pra poder ver se conseguia tirar alguma coisa que se manter, cê entendeu? Várias vezes tirava, outras vezes não, mais prejuízo. Agente tirou muito diamante, mais quando tirava agente já tava devendo aquilo que agente tirou. [...] (J.L.N)

inescrupuloso assassino, que, pela cobiça, queria tomar algum diamante de maior valor retirado em alguma faisqueira.¹⁴

Como já descrito, a atividade do garimpo rendia em certos momentos uma quantidade razoável em dinheiro, principalmente por não exigir qualificações profissionais e nem escolarização. Ela foi aprendida no dia a dia, com os mais experientes. Era necessário preparo físico, e, principalmente, a esperança por dias melhores. No entanto, o rendimento era imprevisível: ora podia-se obter uma quantidade bem significativa em dinheiro, e, como dizem os garimpeiros, “tirar o pé da lama”, mas em outros momentos a situação poderia ficar difícil. Isso exigia que o garimpeiro fizesse certa economia nos períodos mais abastados.¹⁵

O que de certa forma aliviava a dura jornada de trabalho e o que motivava esses trabalhadores era a boa convivência entre a turma de serviço. Este relacionamento amistoso e de solidariedade era determinante para que esses homens vencessem o cansaço e as intempéries do tempo.¹⁶ Só a união desses trabalhadores é que os faziam enfrentar as madrugadas frias para secarem a água da cata, a cercarem o rio para desviá-lo e apurar o seu leito. É pela cumplicidade de “irmãos” na labuta árdua e arriscada que se uniam pela busca do imprevisível diamante. Portanto, para a superação desses óbices, somente uma boa camaradagem.

Olha, era um relacionamento muito bom, parece que era uma família. Praticamente era um família, todo mundo unido, vamos fazer isso? Vão. Se era pra trabalhar a noite, juntava todo mundo, oh! gente vamos fazer isso, porque se não a chuva chega, costumava agente ta numa cata ai, dobrando um cascalho até bom, rico, cê entendeu? a enchente chegava e levava tudo; que depois que o rio enche,

¹⁴ Vejamos o que nos relata J.L.N: “[...] vixe... tirou foi muitos diamantes. Aí, inclusive um morreu, [...] Foi matado, porque tirou um diamante, acho que eles roubaram dele e mataram ele, lá em Abaeté. [...] Foi em 2000.”

¹⁵ Podemos perceber isso nas seguintes narrativas: “Tava no auge, tava tirando um diamante bom, agente tirava assim, porque naquele tempo, trezentos, quatrocentos, falava era mil, era muito dinheiro, agente tirava nessa média, trezentos, quatrocentos, de quinze em quinze dias dava essa... [...] hoje, na média de uns quatro mil reais né? [...] Então, ocê vê que dava, dava uns trocos até bom. Mas igual eu te falo, quando cê tirava aquilo, no outro ano ocê já tirava nada, ocê tinha que guardar esse dinheiro, por que se ocê não guardasse, ocê passava dificuldade. [...]” (J.L.N). E ainda segundo J.M.S: “[...] dava mais que o salário, [...] dava bem mais. Mas tinha época, a época que ocê acertava num garimpo bom que dava um ouro e uns diamantes ai ocê tirava. Mas tinha época também ocê cortava vários períodos sem tirar nada, chegava era só lavrado dos antigos. Os antigos já tinham passado no fundo não dava nada, aí era prejuízo total.

¹⁶ Para Santiago (2010, p.161) “Uma das tarefas mais perigosas dessa atividade é sem dúvida a de cercar o curso d’água em cujo leito pretende-se minerar; uma represa é feita de maneira que o rio ou córrego siga pelo caminho distinto para que se possa revirar o leito original”.

acabou, né? [...] Aí agente combinava, vão trabalhar a noite? Vão. Todo mundo relacionava bem, uma família. (J.L.N)

Mesmo com o dono do garimpo havia um relacionamento amistoso. Afinal, não raro o dono do garimpo também era um desses garimpeiros. E mesmo que em certos momentos fossem lesados pelos “donos do garimpo”, o garimpeiro acabava relevando. Como podemos ver na fala de J.L.N, 51 anos de idade: “Era bom também; gente boa tinha uns que... costumava dar agente prejuízo, tal, mas, agente relevava, cê entendeu? porque tava dando, pra salvar o mês, então agente ia relevando.”

Contudo, não podemos dizer que em todo momento só reinava a paz. Havia sim, os desacordos, principalmente quando alguma ordem dada pelos encarregados de serviço contrariava a opinião dos demais. E quando esse bom relacionamento era minado e estabeleciam-se os conflitos, o melhor mesmo era mudar de serviço. Ressalta J.M.S.

Oh! Muitas horas, muitas turmas, que agente já escolhia assim, agente tocava um longo período com bomba, mas sempre tinha alguma, alguma coisa, muitos desentendimentos dentro dos garimpos. [...] outra hora com... mesmo com os meeiro, não aceitava, alguma coisa que ocê queria falar eles não aceitava, ai eles saiam do serviço, agente sempre tinha que ta sempre trocando de turma, no garimpo.

Quanto à divisão hierárquica do trabalho, a atividade garimpeira era muito simples: basicamente havia o “meia praça”, este era o trabalhador da cata, que recebia dois e meio por cento do que era retirado no serviço, o “bombeiro” era aquele que cuidava da máquina que recebia cinco por cento, e o encarregado do serviço era aquele que administrava o serviço, que quase sempre era o mesmo bombeiro, que obtinha também cinco por cento.¹⁷ Basicamente, pode-se falar em trabalhadores (meeiros) e donos do garimpo.

¹⁷ [...] logo que eu comecei, era mais novato aí no garimpo, [...] Agente começava de meia praça, [...] Meia praça se torna dois e meio por cento, (pausa) do bruto. Sai do bruto cê entendeu? Aí depois eu fui evoluindo, aprendendo a trabalhar, já comecei a aprender a trabalhar em máquina nas bomba né? [...] Aí eu já tinha participação maior né, já tinha cinco por cento. Aí já dobrou né? A minha participação. (pausa)... mas era assim, cê tira aí... um diamante, aí cê vende ele assim na faixa de cem mil, então vinte e cinco por cento é da turma, e setenta e cinco do dono da... [...] do garimpo. Então cê vê que não sobra quase nada pra turma. Muita gente fala, ah... garimpeiro tá tirando muito... muito... muito, mas vinte e cinco por cento é... só, pra dividir com a turma, as vezes tem dez, quinze pessoa, não dá nada, dá pouco.

Não havia um salário fixo, o trabalhador recebia em média dois e meio por cento do que era rendido pela venda do ouro e do diamante. Segundo os relatos dos entrevistados, em alguns períodos podia render-lhes uma média de quatro salários mínimos chegando até uns oito por apuração. J.M.S diz: “[...] em oitenta e seis, agente tirava na faixa assim de... tinha época que tinha apuração que dava assim três, quatro salários, assim por quinzena né? [...] Já cheguei de tirar várias vezes. [...]” Mas isso era muito imprevisível como já dito.

O trabalhador do garimpo nunca teve sua carteira de trabalho assinada. Isso era uma espécie de consentimento entre o dono do garimpo e o trabalhador. Na medida, em que o garimpeiro não se imaginava aposentado algum dia, e também os proprietários das máquinas, não se sentiam patrão destes.

Ressalta A.A.B com relação à contribuição previdenciária – “Esse negócio de garimpo não tem, não é obrigado a contribuir não”. Essa é a fala de um ex-dono de garimpo. Vejamos o que nos diz um trabalhador meeiro quando perguntado se pensava em aposentadoria:

[...] Não, naquele tempo ninguém pensava em aposentadoria. (V.C.V)¹⁸ Por quê? (V.C.V) O que levava a pessoa a não pensar? (J.L.N)¹⁹ Agente pensava que ia achar um punhado de diamante bom, uma mercadoria boa, que agente conseguia ou construir umas casas pra alugar, ou então, abrir um comércio, e deu que não deu em nada, não contribuímos e não fizemos nada disso.

O negócio era bem mais lucrativo para os donos do garimpo, que ficavam com setenta e cinco por cento de tudo que era retirado. No entanto, também se corria o risco de perder tudo, uma vez que era um empreendimento bem imprevisível. Não são raros os casos em Diamantina em que donos de garimpos perderam tudo, principalmente por reinvestir o dinheiro ganho no próprio garimpo, em compra de outras máquinas e manutenções diversas. Quase sempre não dava o rendimento esperado. Vejamos o que diz J.M.S: “Recebia sobre o que era extraído. Se tirasse, ganhava, se não tirasse, não ganhava, era prejuízo total, sempre pro dono da bomba, como pros garimpeiros”.

¹⁸ Valdinei Cláudio Vieira – entrevistador

¹⁹ J.L.N – entrevistado

3. A paralisação do garimpo em 1989 e as condições de trabalho

A paralisação do garimpo se deu em Diamantina no ano de 1989. Essa resultada de ações desencadeadas pelos órgãos de fiscalização e proteção do meio ambiente que estavam executando ações semelhantes em garimpos em várias regiões do Brasil. As atividades foram interditadas pelo IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, com base na Lei Federal 6.938/81 e decreto 88.351/83. A principal alegação para a paralisação foi a de proteção do Rio Jequitinhonha contra a poluição. No entanto, as atividades foram sendo retomadas aos poucos por Empresas como a Tejucana e Rio Novo, bem como pelos demais garimpeiros, após compromissos firmados com a FEAM - Fundação Estadual do Meio Ambiente. Contudo, as ameaças de outras paralisações sempre estiveram presentes durante a década de 1990. Em 1994, após denúncias formuladas pelo Ministério Público de Diamantina contra os garimpeiros, algumas lavras foram suspensas temporariamente pela Polícia. Em 1995, as lavras do Rio Jequitinhonha são embargadas por ação conjunta da Polícia Florestal através do IEF (Instituto Estadual de Florestas), FEAM e IBAMA, culminando em 1996, com embargo dos garimpos em Serro e Alvorada de Minas. (MARTINS, 2007, p.4)

Diamantina, no contexto da paralisação em 1989, era uma cidade que tinha muitas de suas atividades econômicas e financeiras voltadas ao garimpo. Este era praticado naquele momento de forma artesanal, (o garimpo manual), quanto, o praticado com pequenas dragas, conhecidas como bombas²⁰, além das grandes companhias que praticavam mineração.

Foi esse garimpo feito com bombas que de imediato sofreu as maiores restrições: estas foram lacradas e as atividades suspensas. Essas ações surpreenderam os garimpeiros e os deixaram em situação de desespero, não foram oferecidas a eles alternativas. Mais uma vez o garimpeiro era combatido – era o inimigo da natureza, o criminoso a ser detido. Vejamos o que diz J.M.S: “[...] foi uma coisa até muito triste, nós tava, alembro que nós tava garimpando no Palheiro, com as bombas tudo lá no fundo da cata, e aí, de repente, os florestal chegou, parou,

²⁰ Segundo Luís Santiago (2010. p162) “bombas de sucção, [...] são geralmente motores de caminhão acionando bombas que sugam a areia do fundo do rio. Calcula-se que três mil bombas desse tipo trabalhavam poucos anos atrás nas águas do Jequitinhonha, porém já no século XXI foram proibidas, gerando certa crise na região”.

paralisou todo mundo, foi um negócio assim de supetão, parou todo mundo.[...]”. E ainda o que diz J.L.N:

[...] inclusive eu trabalhava em Maria Nunes. Aí eu tava lá com quatro bombas, na época. Aí eu até fiquei surpreso porque agente ouvia pelo rádio, que ia parar. Aí quando o helicóptero desceu na praia, cê entendeu? Tava lá, rufando o pau trabalhando, aquela turma de gente. Tinha uns vinte homens, trabalhando comigo. Aí chegou a florestal o meio ambiente, foi eles né? Chegaram e pararam o garimpo. Falei meu Deus! [...]

Vimos, portanto, que foi uma ação que surpreendeu todos os garimpeiros: eles estavam trabalhando, e se viram obrigados a parar de imediato suas atividades com o garimpo. Não houve nenhum planejamento que visasse realocar esses trabalhadores em outras atividades. O que interessava era interromper aquilo que degradava a natureza. Não se importou com homem e seu sustento.

Tal ação foi contestada como podemos notar na fala de A.A.B: “[...] Foi Newton Cardoso né? [faz referência ao ex-governador do Estado de Minas Gerais] mas, e... e... covardemente![...] covardemente! Por que ele não tinha noção nenhuma de nada, acho que não tinha não. Ele prejudicou muita gente”.

Movidos pela indignação e na defesa da sobrevivência, os garimpeiros se mobilizaram contra a paralisação, manifestando no centro da cidade de Diamantina, onde se acamparam por algum tempo no ano de 1989. Neste local, montaram todo um teatro do garimpo, ranchos e bombas.²¹ Essa mobilização visava sensibilizar as autoridades da necessidade da retomada do garimpo e também sensibilizar todos os comerciantes da cidade, já que tinham também muito a perder com a suspensão do garimpo.

Durante a mobilização para o retorno da atividade garimpeira, se organiza a Cooperativa dos Garimpeiros de Diamantina a (COOPEGARDI), que segundo Martins (2007, p.5) “em 02 de setembro, ocorreu em Diamantina assembleia de constituição da Cooperativa Regional Garimpeira de Diamantina, com a participação de 50 pessoas (de Datas, Diamantina, Gouveia e Presidente Kubitschek)”. O que é

²¹ Nós amontamos um rancho de garimpo na praça [...] em frente da prefeitura ali, em frente Banco do Brasil, amontamos as bombas os negócios e saímos fechando as lojas, tudo, fechamos até a fábrica Antonina Duarte. Na época [...] foi tudo fechado e esse rancho ficou na faixa de dois meses mais ou menos, na porta do Banco. (J.M.S.)

confirmado por J.M.S, “E nesse meio ali, dentro [...] desse rancho [...] surgiu a cooperativa dos garimpeiros em Diamantina”.

São reconhecidas por parte dos garimpeiros as funções que a Cooperativa passou a desempenhar quando de sua criação: “A Cooperativa trabalhava na organização né? de lotes, dos garimpos na beira do rio. E depois criaram o negócio da compra né? [...] eles avaliava e comprava os diamantes, se não desse pra eles comprar passava pra outros, mas [...] eles dava o preço”. (J.M.S)

Já outros, como A.A.B, são bem categóricos em dizer que para eles a cooperativa era “frouxa” e que não representava o interesse de todos, mas que “pode ter sido representante de alguém né? Inclusive tem pessoas aí, compradores de diamante, que foi bom pra eles, né?”

Essa Cooperativa, num primeiro momento, foi a legítima representante do garimpeiro, mas, com o tempo, passou a ser desacreditada. Segundo Martins (2007, p.8), a cooperativa, em função das negociações e tentativas de adequação às normas ambientais para a legitimação da atividade, “violam aspectos fundamentais da identidade garimpeira tradicional”. Ou seja, a prática do “garimpo ecológico”, “o garimpo empresa”. Para o autor, o garimpeiro é contra toda essa lógica do mercado – empresa e as relações hierárquicas de trabalho, burocracia do Estado e tributos e sua “faina em lutar contra a natureza”. (MARTINS, 2007, p.9)

No entanto, entendemos que essa Cooperativa foi a representante em maior escala dos “donos do garimpo” e, mesmo considerando que ela tinha entre alguns objetivos os de: representar todos os garimpeiros nas negociações com os órgãos estatais de meio ambiente; negociar áreas de garimpo, esses provavelmente não foram executados em função do “pequeno garimpeiro”, mas em função daqueles que poderiam obter as lavras. J.M.S elucida bem esse posicionamento:

Oh! na época, [...] no começo parecia que ia ser tudo bem, mas depois, esse negócio não deu muito certo não. [...] Não deu porque o pessoal num aceitou muito bem as propostas que eles tavam fazendo né? Ai pegou desandou a Cooperativa andou bem pra trás. [...] Porque, teve bem tempo que parecia que já era tipo casado, só pras pessoas, eles já escolhia as pessoas entendeu? E já passava os lotes do negócio, e o garimpeiro pequeno ficou mais por fora. [...](J.M.S)

Fica evidenciado por essa fala, que a aceitação da cooperativa caiu em descrédito, não apenas porque o garimpeiro é contra as “lógicas de mercados”,

“burocracia do Estado” e a “faina contra a natureza”, como expõe Martins (2007, p.9). É também por perceber que esta passa a privilegiar certos grupos da cidade e, neste aspecto, a grande maioria de garimpeiros sentiu-se lesada, porque nem todos podiam adquirir os lotes para garimpar.

Fato é que a paralisação do garimpo em Diamantina em 1989 foi uma ação que surpreendeu a todos, principalmente os garimpeiros, provocando naquele momento uma comoção na sociedade diamantinense, fazendo com que estes se mobilizassem, com o apoio de alguns seguimentos da sociedade. Mas, com tempo e pelas ações empreendidas pelas lideranças, os garimpeiros conseguiram retomar suas atividades. No entanto, nem todos foram contemplados por essas concessões.

O que há que considerar é que paralisação do garimpo em 1989 provocou uma situação social e econômica incômoda para os garimpeiros.²² Reclamavam neste momento sua sobrevivência afirma J.M.S: “agente ficou bem fracassado, sem dinheiro pra fazer compra”.

Contudo, essa também foi uma oportunidade para que os garimpeiros buscassem alternativas de trabalho em diversos setores. Mas estes foram basicamente na prestação de serviços autônomos como pedreiros, serventes de pedreiros, etc. Outros, porém, também despertaram para outras atividades como o artesanato: “E aí, [...] foi aonde que surgiu as ideias que [...] assim que parar o garimpo criei as alternativas né, aprendi a trabalhar de pedreiro, pintor e aí surgiu, virei, [...] pedreiro, [...] virei artesão, mexo com artesanato tem uns quatorze a quinze anos”. (J.M.S)

De fato, o encerramento involuntário do garimpo em 1989, produziu um impacto socioeconômico negativo, pois os garimpeiros se viram de um momento para outro sem a condição de manter-se em suas necessidades básicas, como as de alimento. Isso também permitiu a mobilização dessa categoria para o retorno às atividades. No entanto, com o passar dos anos, o garimpo com bombas foi “definitivamente proibido”, fazendo com que os próprios garimpeiros se adaptassem a outras atividades. Na atualidade, a maioria deles, como já dito, presta serviços em setores basicamente da construção civil.

²² Como relata J.L.N: “Óh! no momento, nossa! foi trágico, como eu te falei, atrapalhou muito porque agente confiando em tirar uma boa porcentagem de diamante e ouro, e aí na paralisação se eu não optasse a talvez a trabalhar até na rua aí de pedreiro o que for, agente passava muita necessidade.”

Os garimpeiros, de modo geral, afirmam que ainda existem muitas lavras de garimpos na região de Diamantina, no entanto, só é possível garimpá-las se legalizá-las. Uma dificuldade colocada por eles é o custo dessa legalização²³, uma vez que é uma atividade arriscada financeiramente, pois não se tem certeza do que está debaixo da terra.

Além do custo, A.A. B diz que o garimpeiro não se arrisca investir, pois além de não saber se terá retorno financeiro para cobrir as despesas com os investimentos. Estes também não são donos do terreno e da pesquisa de garimpo. Ele afirma que: “Não. Né isso não. É porque [...] grande parte das pessoas não quer investir [...] não sabe se vai tirar. Ele não é dono do garimpo [...] da área [...]. (A.A.B)

Todos esses fatores determinaram o afastamento da maioria dos garimpeiros de uma prática tradicionalmente exercida em Diamantina. Contudo, pode se afirmar também que a atividade garimpeira ainda não é extinta. Existem ainda, muitos garimpos na região, mas quase sempre explorados de forma irregular:

Inclusive eu falo outras coisas, seja no garimpo lá [...] na areinha onde [cita o nome do filho, que trabalha neste local]²⁴ esse pessoal ta trabalhando lá... (pausa) Eles tão trabalhando irregular... irregular... como era antigamente. Mas isso aí, o governo ele tinha que deixar prá lá, porque... tem muita gente aí que não tava aguentando comprar um chinelo, hoje ele tem duas, três bota, ele não aquentava comprar um quilo de carne, compra cinco. Por que? É o dinheiro ta saindo lá debaixo do chão.

Como se pode observar há a consciência do entrevistado sobre a situação irregular em que se acham as pessoas que estão neste momento garimpando na “Areinha”²⁵. No entanto, ele defende a atividade, e mais, que o “governo”, ou seja, os órgãos responsáveis pela fiscalização deixem que estes garimpeiros continuem exercendo a atividade. Outros afirmam que o garimpo, neste local, foi alvo de discussão, inclusive com o próprio Ministério Público, afirma J.M. S:

²³ Olha se a pessoa [...] olhar o lugar que ta pesquisado, e entrar com as papeladas e pagar as taxas, acho que é possível garimpar sim. [...] Ah... o custo é alto. Não é barato não. [...] Por isso que o pessoal parou de garimpar, porque o custo fica muito caro, chega no final se não tirar, o prejuízo é total. (J.M.S)

²⁴ Não transcrevemos o seu nome para preservá-lo.

²⁵ Nome dado um garimpo no Rio Jequitinhonha, próximo à Maria Nunes, onde a Empresa Gutierrez executava o garimpo com dragas. Hoje esses garimpeiros estão explorando parte do material que segundo alguns garimpeiros, foram desperdiçados pela draga. A atividade nesse local foi inicialmente executada de forma artesanal, ou seja, o garimpeiro estava usando dos modos tradicionais, usando da goiva (espécie de enxada maior, fechada nas laterais, presa em um extenso cabo de madeira) para retirar o material de garimpo de uma cata, para ser apurado. Têm-se notícias que há bombas funcionando novamente neste local.

Igual na Areinha mesmo, agente lutou com o pessoal aí da cidade aí, com o promotor tudo, pra ver se abria a área da Gutiérrez lá, agora no momento o pessoal ainda tão trabalhando lá e ainda tão exercendo com bomba lá e tirando uns diamantes e ouro, [...]

Vemos portanto que, apesar do garimpo não ser considerado pelos próprios garimpeiros como o grande articulador da economia local, ainda é praticado e existem muitas áreas que poderiam ser garimpadas. No entanto, esbarram-se nas burocracias de sua regularização. Com isso, a atividade ainda é exercida, mas quase sempre na ilegalidade.

Todavia, também é possível identificar nas entrevistas que muitos desses garimpeiros já reconhecem que o garimpo não é mais a principal atividade econômica da cidade. Reconhecendo, portanto, que outros setores estão ganhando seu espaço.²⁶

Uma pergunta surge: até quando a atividade no setor da construção civil, que já há algum tempo tem absorvido parte significativa desses ex-garimpeiros, vai conseguir continuar empregando esses trabalhadores?

Diante de tudo que questionamos e das possíveis repostas que tentamos oferecer, o que fica é que a atividade garimpeira é algo que ainda faz parte do imaginário de muitos dos ex-garimpeiros. Mesmo reconhecendo que hoje se encontram em condições mais “tranquilas” de trabalho, no aspecto de um ganho mais regular, muitos ainda exerceriam a atividade garimpeira, seja pela possibilidade de conseguir um dinheiro mais avultado, ou simplesmente pelo fato de estarem livres na beira de um rio.

Vejamos nas falas de A.A.B e J.M.S. Quando perguntados se voltariam a garimpar e o porquê responderam: “Voltaria. [Por que?] Ôhhh... [...] por causa do dinheiro. [...] (risos). [...] É né, por causa do diamante, do ouro e do dinheiro uê. Eu gostava de guardar né, o ouro, o diamante não, mas o ouro eu gostava de guardar.” (A.A.B). “Sim, voltaria. [Por que?] [...] mesmo eu tendo outra profissão é por causa do aspecto da vida né? Agente vivia muito tranquilo na beira dos rios, contato com a natureza, isso pra mim era... era... é bastante proveitoso. [...] mesmo tendo uma situação tranquila, ainda voltaria ainda [...] se tivesse um lugar... (J.M.S).

²⁶ “O garimpo não tem aquele boom assim mais não. O negócio aqui, a atividade agora é só dos empresários mesmo que tão chegando na cidade. Mais é a universidade que deu um boom na cidade aí, que pegou todos os pedreiros, quem tá, que tá tocando o barco, no momento agora é a Universidade.”(J.M.S)

Considerações finais

O nosso trabalho permitiu dar vez e voz aos principais atores dos eventos que culminaram com a paralisação do garimpo na região da cidade de Diamantina – MG no ano de 1989. Ficou bem evidente no decurso deste artigo que a paralisação do garimpo em 1989, num primeiro momento causou um estado de vulnerabilidade social e econômica para o garimpeiro, em função de que estes trabalhadores foram afastados abruptamente de suas atividades. No entanto, as atividades logo foram retomadas e só foram de fato embargadas durante meados da década de 1990. Mesmo assim, parte significativa dos garimpeiros foi se realocando em outras atividades profissionais, principalmente as manuais, como a construção civil e artesanais, conseguindo superar e minimizar, portanto, possíveis consequências mais drásticas em suas vidas.

Outra constatação que se faz é que existem ainda garimpos em nossa região e que a atividade garimpeira ainda não foi superada. Garimpos nas modalidades manuais e semi-mecanizados - quase sempre de forma ilegal. Os motivos alegados para a não legalização, entre outros, são: a burocracia e altos custos de sua legalização, em função do ganho imprevisível. Mas, pode-se afirmar que a manutenção dessa atividade está também relacionada à preservação de uma cultura de trabalho que faz do imaginário de muitos ex-garimpeiros um trabalho livre, sem as hierarquias complicadas, prevalecendo acima de tudo, o sonho de se tornarem “homens-ricos”.

Abstract: This paper aims to examine the social and economic situation of the workers involved in the activity of extraction of gold and diamonds in the city of Diamantina, Minas Gerais, during the stoppage of mining in 1989 and its "effective" embargo during the 1990s. The work was constructed from literature and narrative analysis of the miners, therefore, a methodological perspective of oral history. It is concluded that the stoppage of mining, instantly produced significant negative socioeconomic impacts on the lives of these workers, but that in time overcame the suspension of mining activities, rearranging themselves in other professions. Although mining is not a practice totally extinct in this region, it still is a strong presence in the minds of diamantinenses.

Keywords: socioeconomic status. Stoppage of mining. Oral history

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAIFRAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. COUTO, Soter. **Vultos e Fatos de Diamantina**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2002.

FURTADO, Júnia Ferreira. **O livro da capa verde: o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no Distrito Diamantino no período da Real Extração**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul LTDA; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MARTINS, Marcos Lobato. **Mineração, identidade garimpeira e meio ambiente: os conflitos em torno da extração de diamantes no Alto Jequitinhonha, 1989-1995** – Associação Nacional de História – ANPUH, 2007.

_____. **A Arte de fabricar motins: Os marcos regulatórios da mineração diamantífera em perspectiva histórica**. Pedro Leopoldo: VIII Encontro Regional Gestão & Tecnologia, 2008.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, 2004.

SANTIAGO, Luiz. **Tejuco – Arraial Setecentista** – quarto livro da série O Vale dos Boqueirões - História do Vale do Jequitinhonha. Pedra Azul. Ed. do autor, 2010.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do distrito diamantino**. 4ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Entrevistas

A.A.B, 72 anos de idade, ex-dono de bomba e terreno de garimpo da cidade de Diamantina. Entrevista concedida em 06/11/2011.

J.L.N, 51 anos de idade, ex-garimpeiro da cidade de Diamantina-MG. Entrevista concedida em 28/09/2011.

J.M.S, 46 anos de idade, ex-garimpeiro da cidade de Diamantina-MG. Entrevista concedida em 16/10/2011.